



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7253 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

IMAGEM E PODER: DIÁLOGOS ENTRE ENSINO DE GEOGRAFIA E MICHEL FOUCAULT

Vitor Marques Almeida - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Maria Inez da Silva de Souza Carvalho - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

IMAGEM E PODER: DIÁLOGOS ENTRE ENSINO DE GEOGRAFIA E MICHEL FOUCAULT

RESUMO: Neste trabalho serão discutidas algumas possíveis abordagens referentes ao uso e produção de imagens, como mediadoras do processo de interpretação da realidade socioespacial no ensino de Geografia. Essa abordagem será feita de acordo com a microfísica do poder de Foucault que objetivou evidenciar que o Estado não é o único órgão detentor de poder, assim, nessa perspectiva, valorizaremos a produção de fotografias e a construção de mapas mentais, para discutir essas relações de poder, emersas no espaço social. A pesquisa será realizada em uma escola estadual localizada no bairro Pelourinho em Salvador e tem como procedimentos metodológicos: Oficina de fotografias históricas do bairro, produção de fotografias do lugar pelos alunos, confecção de mapas mentais, afim de discutir o “real possível” e as relações de poder socioespaciais do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Fotografia; Microfísica do Poder; Percepção Socioespacial.

1 A GENEALOGIA DA PESQUISA

*Será, será que será que será que será
Será que essa minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?*

*Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes fazem o carnaval.*

Caetano Veloso (1984)

Escolhi iniciar este trabalho com um trecho da música *Podres Poderes* de Caetano Veloso, que se apresenta como um dispositivo^[1] de análise interpretativa, quanto ao cenário da política brasileira na ocasião do processo de redemocratização. Todavia, como na canção, desejo ir além do modelo de poder do Estado que exerce seus “podres poderes”, e

[...] captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...] Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício. (FOUCAULT, 1979, p.182).

Considerando assim, também índios, padres, bichas, negros, mulheres e adolescentes que fazem o carnaval.

[...] o corpo também está mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais (FOUCAULT, 1997, p.28).

Dessa forma, sendo de caráter simbólico-cultural, o poder constitui uma ampla categoria de análise dos indivíduos no lugar, nessa perspectiva, valorizarei neste trabalho, que é parte de uma pesquisa em andamento de mestrado, algumas possíveis abordagens no uso e elaboração de imagens em uma escola estadual para discutir como as relações de poder abordadas por Foucault, emersas no espaço social do Pelourinho em Salvador, podem contribuir para o ensino e aprendizagem da Geografia.

Essa tentativa de aproximação do ensino de Geografia e genealogia de Foucault, além das demonstrar as relações da microfísica do poder, coloca em evidência as questões relacionadas ao espaço vivido. Segundo Claval,

[...] a necessidade de valorização das questões próprias da identificação dos sujeitos em relação ao lugar, suas representações e crenças culturais, além de observar que o progresso técnico interferiu diretamente no modo de vida dos grupos. (CLAVAL, 1995, p. 75)

Na análise de algumas possibilidades de utilização de imagens no ensino da Geografia a partir da abordagem da Microfísica do Poder de Foucault, levo em conta a concepção de poder além da sua forma estadocêntrica. Acredito que esse mesmo poder, perpassa pelas demarcações entre as diversas instituições, sendo ele não pertencente exclusivamente a nenhuma delas. Sendo assim, o caso no ensino de Geografia na escola básica é notório, uma vez que possui estreito laço com o poder, pois “a organização espacial é um eficaz mecanismo do exercício do poder” (Moraes, 1987, p. 131), além de Foucault (2007, p. 28) constatar que o exercício do poder leva à formação do saber, com as instituições disciplinares, como escolas, presídios, hospitais e sanatórios, já que é a partir da perspectiva de dominação do *ser-poder* de Foucault que foi possível entender que a escola moderna funcionou como principal dispositivo para disciplinar os corpos (Varela; Uría, 1992).

Assim, tais considerações feitas por Foucault com relação a temática do poder, proporcionam ao ensino de geografia novos caminhos de análise do espaço geográfico. Dentre esses caminhos, posso mencionar, por exemplo, a superação estadocêntrica do poder e as alterações nas escalas de análise geográfica.

A relação de poder e espaço geográfico é nítida, como Yves Lacoste já explicitava a relação entre a geografia e o poder do Estado-Nação no livro *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Contudo, compreendendo que o poder excede os limites do Estado, pretendo aqui, analisar a partir das contribuições teóricas de Michel Foucault, o qual propõe uma análise que recebe o nome de *genealogia do poder*[2].

Chamemos provisoriamente genealogia o acoplamento do conhecimento com as **memórias locais**, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais. [...] Trata-se de ativar **saberes locais**, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los, em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. [...] Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa (FOUCAULT, 1979, p. 171, grifos do autor).

É a partir dessas memórias locais e genealógicas que se pretende pautar a análise de imagens no ensino de Geografia, já que se faz necessária uma reflexão intelectual acerca do político e ideológico que se encontram nas imagens. Com o uso e elaboração de imagens a partir dessa abordagem, o lugar passa a ser experienciado pelo indivíduo, dessa forma, propõe-se a adoção de perspectivas que agridem a interpretação e compreensão dos sujeitos no espaço.

2 DE QUAIS IMAGENS ESTOU FALANDO?

2.1 Fotografia

Dubois (2001, p. 27) indicou a *mimese* (princípio da semelhança) como discurso mais primário da fotografia (início do século XIX até primórdios do século XX), quando as experiências fotográficas se tornaram a busca pela representação perfeita da realidade e não mais a pintura. Isso está ligado ao processo mecânico da imagem fotográfica que, devido ao seu automatismo técnico, condicionaria à fotografia uma credibilidade e um peso de real. A foto, nesse sentido, seria “percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS, 2001, p. 25).

Contudo, existe um segundo paradigma que coloca a fotografia como transformação do mundo real. A fotografia passou a ser caracterizada pela sua inabilidade em exibir toda a “sutileza das nuances luminosas” e apenas reduzir o espectro de cores a “simples jogos de degradês do preto ao branco” (DUBOIS, 2001, p. 38), sendo que seria apresentada por “uma imagem determinada ao mesmo tempo pelo ângulo de visão escolhido, por sua distância do objeto e pelo enquadramento” (DUBOIS, 2001, p. 38).

Portanto, uma fotografia não pode ser vista de forma inocente, e sim como “uma máquina de efeitos deliberados” (DUBOIS, 2001, p. 40), as imagens dotadas de signos, construídos culturalmente necessitam ser traduzidos, por exemplo, roupas, gestos, expressões faciais compenetrados de significados que precisam ser descobertos.

Foucault ressalta que

“por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas o que as sucessões da sintaxe definem”; “é preciso admitir, entre a figura e o texto, toda uma série de entrecruzamentos, ou antes ataques lançados de um ao outro, flechas dirigidas contra o alvo adversário, operações de solapamento e de destruição, golpes de lança e os ferimentos, uma batalha” (FOUCAULT apud DELEUZE, 2006, p. 74-75).

Dessa forma, neste trabalho, tomaremos a fotografia na perspectiva de Foucault, projetando-a como um “real possível”, pensada como discurso inscrito nas dimensões sociais. Sendo que o entendimento de Foucault da representação do real, e o que vem a ser *mimesis* para ele, pode ser melhor entendido no livro *Isto não é um cachimbo* (1988). O real se separa da representação, já que não são mais a mesma coisa. Assim “isto não é um cachimbo, era a incisão do discurso na forma

das coisas, era seu poder ambíguo de negar e de desdobrar [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 49).

2.2 Mapas Mentais

Compreendo que os mapas mentais são representações construídas tendo como foco a percepção dos lugares vividos, eles transcrevem realidades e experiências, indo além de simples representações de pontos de referências que ajudam na orientação, trazendo informações particulares que foram vivenciadas, em diversos momentos.

Neste trabalho, utilizaremos os mapas mentais de duas formas: a primeira através da construção de mapas sociais, feitos a partir de croqui com as delimitações do bairro Pelourinho. A segunda trata-se da elaboração da transformação das fotografias em mapas mentais, a partir da sobreposição de papel vegetal nas fotografias, a fim de encontrar olhares particulares frente às imagens.

Assim, os mapas mentais feitos pelos estudantes nesta pesquisa, serão compreendidos como imagens espaciais, construídos a partir de suas percepções simbólicas. Oliveira (2006, p.37) afirma que “cabe dizer que o mapa no seu sentido mais amplo, exerce a função de tornar visíveis, pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade percebida, quanto sobre o mundo da imaginação.”

Ao tomar esses mapas mentais como representações, podemos relacionar, mais uma vez, com a obra *Isto não é um cachimbo*. Ao negar que o cachimbo do quadro seja um cachimbo real, a arte nos provoca a pensar: o que seria o real? Ao considerar que os mapas mentais fazendo a distinção entre representação e o real, abriremos a possibilidade de referenciar diversas realidades no espaço social, assim como o cachimbo que está

Aberto, não para o cachimbo “real”, ausente de todos esses desenhos e de todas essas palavras, mas aberto para todos os outros elementos similares (compreendo nisso todos os cachimbos “reais”, de barro, de espuma, de madeira etc.) que, uma vez tomados nessa rede, teriam lugar e função de simulacro (FOUCAULT, 1988, p. 65).

3 FOUCAULT E A O ENSINO DE GEOGRAFIA: CARTOGRAFANDO O MÉTODO

Por não estabelecer, intencionalmente, uma teoria geral e única do poder, Foucault deixa aberta as possibilidades de mecanismos e práticas que o poder pode assumir socialmente[3]. Machado (1979, p. 10, apud ALVES, 2013, p. 4) explica que “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa: é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”.

Sabendo que a abordagem de Foucault é a do microfísica e ao abranger o “poder”, o autor, em *Vigiar e Punir* (1977), coloca que este poder não se revela exclusivamente nas prisões, mas, também, “em outras instituições como o hospital, o exército, a escola, a fábrica” (MACHADO, 2001, p. XVII).

Partindo desses pressupostos, a questão que se coloca para pesquisa é de identificar “realidades possíveis” e a natureza das informações presentes nas imagens, além de verificar como isso pode potencializar a análise socioespacial no ensino de Geografia.

Sendo assim, saliento a importância da descrição espacializante dos fatos em sala de aula, a partir de imagens que verterão o poder. Sobre isso, Foucault coloca que

A utilização de termos espaciais tem um que de anti-história para todos que confundem a história com as velhas formas da evolução, da continuidade viva, do desenvolvimento orgânico, do progresso da consciência ou do projeto da existência. Se alguém falasse em termos de espaço, é porque era contra o tempo. É porque ‘negava a história’, como diziam os tolos, é porque era ‘tecnocrata’. Eles não compreendem que, na demarcação das implantações, das delimitações, dos recortes de objetos, das classificações, das organizações de domínios, o que se fazia aflorar eram processos – históricos certamente – de poder. **A descrição espacializante** dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos de poder que lhe estão ligados (FOUCAULT, 1979, p. 253, grifo do autor).

Foucault reforça a contraposição da dicotomização do espaço e tempo. Assim, será pautado o enredo entre a geografia e história nas análises imagéticas, levando em conta a (re)produção de imagens e sua função educativa nas possíveis construções de mundo.

A proposta será investigada no bairro do Pelourinho em Salvador – Bahia, assumindo uma escola estadual como espaço de aprendizagem para se compreender como a elaboração/utilização de imagens potencializam o ensino e a aprendizagem de Geografia na construção da análise socioespacial do lugar [4].

Os procedimentos metodológicos estão divididos em 6 passos correlacionados:

1. Oficina de fotografias: *diálogos entre Foucault e o Pelourinho*. Onde serão analisadas fotografias históricas do bairro, afim de traçar possibilidades de encontro entre a teoria e prática da fotografia e as teorizações de Michel Foucault.
2. Fotografias dos alunos produzidas no bairro, com a sugestão de (des)construir as evidências do saber histórico e possibilitar libertar o olhar dos alunos dessas evidências, na tentativa de visualizar outras imagens.
3. Produção dos mapas mentais construídos a partir do universo simbólico, narrando o bairro. Sendo o lugar uma importante categoria analítica da geografia, que será abordada como perspectiva privilegiada para Foucault chamada de “microespaços” do poder (Moraes 1987), apesar de espaços de

poder remeterem a categoria território. Machado salienta

O que Foucault chamou de microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que está se efetua. Reveja a citação Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. (MACHADO, 1979, p. 12, apud ALVES, 2013, p. 9).

4. Discutir o “real possível” e as relações de poder abordadas por Foucault nas imagens a fim de “organizar, recortar, distribuir, ordenar e repartir em níveis, estabelecer séries, distinguir o que é pertinente do que não é, identificar elementos, definir unidades, descrever relações” (FOUCAULT, 2000, p. 07).
5. Produção de um atlas-documentário com (re)produção das imagens durante o trabalho na escola e no bairro, para postagem em meio digital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho será de grande importância para superar alguns problemas da realidade escolar no ensino de Geografia, possibilitando ao aluno compreender o lugar onde está inserido, entender que ele é agente transformador, e que a sua atuação interfere diretamente na paisagem, já que

[...] o poder não deve ser encarado exclusivamente como algo que atua sobre nós, como se nos limitássemos a ser objeto de sua ação. Ele também é exercido por nós, o que nos coloca simultaneamente na condição de sujeitos e objeto do exercício do poder (PARANHOS, 2000, p.56).

Callai (2000, p.84) nos diz que estudar o lugar “é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos”. Portanto a partir das relações as pessoas demonstram suas narrativas com relação ao meio socioespacial.

Essas abordagens nos permitem a refletir sobre o real que vivemos, além disso, Foucault – com a negação da representação como cópia estritamente ligada a realidade –, autoriza um maior incentivo de interpretações narrativas em formas de imagens construídas pelos alunos, valorizando assim, percepções dos sujeitos da pesquisa com relação ao lugar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fernando Roberto Jayme. **A dimensão espacial do poder: diálogos entre Foucault e a Geografia**. Geografia em Questão, Marechal Cândido Rondon, v.06, n.1, p. 231-245, 2013. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/index>>. Acesso em: 28/06/2020
- CALLAI, Helena Coppetti – **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CLAVAU, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 5. ed. Campinas: Editora Papyrus, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. **Isto não é um cachimbo**. Tradução Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- MACHADO, Roberto. **Introdução: Por uma genealogia do poder**. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 16 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- OLIVEIRA, Nilza Aparecida da S. **A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais**. Revista eletrônica Mestrado Educação Ambiental, v.16, janeiro-junho de 2006. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2779/1568>>. Acesso em: 28/07/2020.
- PARANHOS, A. Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder. In: MARCELLINO, N. C. (org.) **Introdução às Ciências Sociais**. Campinas: Papyrus, 2000.
- VARELA, Julia; AVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Teoria & Educação. Porto Alegre, n.6, p.68-96, 1992.
- VELOSO, Caetano. **Podres Poderes**. Philips: 1984. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nZr1Op3Flkk>>. Acesso em: 31/07/2020.

[1] Foucault (1979, p. 244) denomina dispositivo como: [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

[2] Foucault retira de Friedrich Nietzsche que escreve a *Genealogia da Moral* em 1887.

[3] Os livros de Foucault que abordam o Poder, considerados nesta pesquisa foram: *Microfísica do poder* (1979); *Em defesa da sociedade* (1999); e *Vigiar e punir* (2008).

[4] O sentido de lugar nesta pesquisa é o de "(...) um mundo de significado organizado." (TUAN, 1983, p. 198), que foi apropriado afetivamente, transformando um espaço indiferente em lugar, o que, por sua vez, implica na relação com o tempo de significação deste espaço em lugar.